

27 NOV 1980

JORNAL DE BRASÍLIA

O Governo está só

Álvaro Pereira

Reunidos em Brasília na última quarta-feira, os governadores do PMDB reafirmaram suas críticas ao projeto de Orçamento da União ora em exame pelo Congresso, que prevê o pagamento de 25% da dívida externa dos Estados em 89. Argumentaram os governadores — e muito especialmente os de Minas, Newton Cardoso, e o de São Paulo, Orestes Quércia — que o cumprimento da proposta do Governo deixaria seus Estados em situação falimentar. No caso de São Paulo, explicou o governador Orestes Quércia que 82% da receita estão comprometidos com despesas de funcionalismo, sobrando apenas 18% para custeio e novos investimentos. Assim, como pagar um quarto da dívida externa em 89?

Numa manobra ardilosa, o Governo tentou dividir os governadores oferecendo como alternativa uma proposta de pagamento escalonado: dívidas inferiores a 300 milhões de dólares poderiam ser roladas integralmente, enquanto as dívidas superiores a um bilhão de dólares (caso de São Paulo) continuariam sujeitas ao pagamento de 25%. Na reunião de quarta-feira, apenas os governadores de Goiás, Henrique Santillo, e do Maranhão, Epitácio Cafeteira, mostraram-se simpáticos à proposta na forma como havia sido apresentada. Os demais preferiram uma posição de cautela e mesmo de solidariedade aos Estados

mais endividados — e, portanto, mais sacrificados pela proposta do Governo. Configurava-se, esta forma, sob o auspício do deputado Ulysses Guimarães, uma perigosa situação de confronto entre o Governo Federal e os Governos estaduais.

A parte as divergências de caráter técnico, o episódio serviu para revelar o isolamento político do presidente Sarney, neste final de mandato. Sem poder contar nos últimos dois ou três anos, com o apoio do PMDB, ele vinha se valendo até agora do respaldo político seguro dos governadores estaduais. Estes, por dependerem de verbas federais para viabilizarem suas administrações, mostravam-se sempre mais pragmáticos nas relações com o Governo, desprezando muitas vezes a orientação programática do PMDB.

O mesmo pragmatismo aliado a razões de natureza política, contribui agora para afastá-los do Governo e do presidente Sarney. Os governadores parecem convencidos de que esta é a hora de abandonar o barco. Não há porque continuar apoiando um governo que vai se aproximando, com dificuldade, do seu final. As urnas de 15 de novembro sinalizaram contra o PMDB — e os governadores, espertamente, tentam reabilitar-se a tempo das eleições presidenciais do ano que vem.